

A AUTODESCOBERTA DE UMA MULHER TRANSEXUAL NO INTERIOR DE MINAS GERAIS

Bruna Vitória dos Reis Gardingo¹
Alcione Januária Teixeira da Silveira²

alcionevertice@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Sociais Aplicadas

PALAVRAS-CHAVE: mulher transexual; autodescoberta; psicologia; estigmas.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de gênero trata de papéis sociais e comportamentos culturalmente atribuídos aos sexos, sendo uma construção histórica e social que ultrapassa o sexo biológico (Moreira; Marcos, 2019). A transexualidade, por sua vez, refere-se à condição de indivíduos cuja identidade de gênero diverge daquele atribuído ao nascimento (Sousa, 2016). Embora existam definições genéricas que agrupem pessoas trans, cada vivência é única e atravessada por fatores sociais, afetivos, geográficos e culturais (Beauregard *et al.*, 2018). A presente pesquisa propõe investigar a autodescoberta de uma mulher transexual residente no interior de Minas Gerais, contexto social marcado por valores conservadores, ausência de políticas públicas eficazes e escassez de apoio institucional. Parte-se da hipótese de que, apesar das dificuldades, a experiência de autodescoberta pode ser favorecida por redes de apoio informal, estratégias de resistência e pela própria resiliência da mulher trans. Com base nisso, a pesquisa se propôs a responder: como se deu o processo de autodescoberta de uma mulher transexual no interior de Minas Gerais? E quais foram os principais desafios enfrentados no âmbito familiar, social e institucional? Este estudo é relevante por ampliar a compreensão sobre vivências trans em territórios interioranos, evidenciando a interseccionalidade entre identidade de gênero, pertencimento territorial e vulnerabilidade social. Além disso, busca contribuir para a formação de psicólogas(os) mais preparadas(os) para acolher as demandas de sujeitos trans, promovendo respeito à diversidade e aos direitos humanos.

2 METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que segundo Martins (2004), é definida como aquela que privilegia a análise por meio do estudo das ações sociais individuais e coletivas, realizando um exame intensivo dos dados. Para coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semiestruturada com questões adaptadas de Paniza (2021). A entrevistada foi escolhida por conveniência e confiança, sendo uma mulher transexual, maior de 18 anos, residente em uma cidade do interior de Minas Gerais. A coleta de dados se deu com autorização da participante, que assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A entrevista foi gravada e transcrita com ajustes na grafia conforme orientação de Manzini (2014). A análise dos dados foi feita à luz da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011),

¹ Acadêmicas do curso de Psicologia – Centro Universitário Vértice – Univértix.

² Psicóloga; Mestre; Doutoranda em Educação; Professora no Centro Universitário Vértice – Univértix.

considerando elementos verbais e não verbais. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob parecer nº 6.585.323, em conformidade com a Resolução nº 510/2016 (Brasil, 2016).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevistada, aqui denominada “Agnes”, foi ouvida em sua residência no interior de Minas Gerais no mês de fevereiro de 2025. Agnes iniciou sua narrativa relatando que, desde os 14 anos, enfrentou dificuldades em sua jornada de afirmação identitária. Relatou não ter tido apoio familiar, especialmente da figura paterna, e mencionou que, ao se assumir, foi expulsa de casa e obrigada a buscar abrigo na casa de um homem mais velho. Neste relacionamento, viveu situações de abuso físico e psicológico. A falta de acolhimento por parte da família a colocou em situação de vulnerabilidade, confirmando o que Janini e Santos (2020), apontam sobre a influência do ambiente familiar na construção da identidade de pessoas transexuais, e os impactos da rejeição e da imposição de normas cisnormativas. A fala de Agnes também destacou que a mãe, apesar do início conturbado, posteriormente ofereceu suporte emocional e afetivo, sendo fundamental no fortalecimento de sua autoestima e segurança para assumir-se publicamente como mulher trans. Esse acolhimento materno reforça a importância do apoio familiar no bem-estar emocional de pessoas trans (Silva; Santos, 2018), além de funcionar como um espaço de resistência frente aos discursos normativos. No que diz respeito à autopercepção, Agnes afirmou que sempre se sentiu mulher, mesmo que, durante parte da infância e adolescência, ocultasse sua identidade por medo de represálias sociais e familiares. Aos poucos, começou a incorporar elementos da feminilidade em sua aparência, mesmo que inicialmente de forma privada. Sua afirmação foi um marco em sua trajetória, reforçando o papel simbólico do nome social na construção identitária, como destacam Hanauer e Hemmi (2020). Agnes também discutiu a importância do amor-próprio na vida de uma mulher transexual: “Ser mulher trans não é ter um cabelão, um seio grande. É se sentir bem consigo mesma”. A afirmação corrobora estudos que destacam o papel da autoestima no enfrentamento da transfobia e das exclusões sociais (Silva; Santos, 2018). Apesar do empoderamento subjetivo, Agnes relatou ainda enfrentar desafios significativos, principalmente no mercado de trabalho. Segundo ela, mesmo sendo conhecida em sua cidade e tendo experiências profissionais como cuidadora, os preconceitos persistem. A associação estigmatizante entre pessoas trans e comportamentos desviantes, como criminalidade e prostituição, ainda é muito presente em contextos interioranos. Essa realidade é também apontada por Marinho e Almeida (2019), que analisam as dificuldades estruturais enfrentadas por pessoas trans na inserção laboral, destacando a inferiorização social de seus corpos como uma ferramenta de exclusão capitalista. Agnes, ao ser questionada sobre suas perspectivas para o futuro, demonstrou esperança, mas também senso crítico. Enfatizou que não deseja apenas aceitação, mas respeito. Para ela, conquistas não se resumem a status ou ascensão social, mas à possibilidade de viver sua identidade com dignidade, sem medo e com acesso igualitário a direitos. Essa fala remete à ideia de conquista como superação cotidiana da marginalização e como processo de construção de cidadania, como discutido por Cunha (2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de Agnes revela uma vivência marcada por exclusões, mas também por coragem, resistência e reconstrução subjetiva. A autodescoberta de sua identidade como mulher transexual representou uma ruptura com padrões normativos e exigiu enfrentamentos diários, desde o núcleo familiar até os espaços sociais e laborais. A análise da trajetória de Agnes reforça a importância da escuta empática, da produção de políticas públicas inclusivas e do fortalecimento das redes de apoio. É fundamental que a Psicologia, enquanto ciência e profissão, esteja atenta às especificidades dessas vivências e se comprometa com uma atuação ética, acolhedora e transformadora.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559>. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Conselho Nacional de Saúde**. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRASIL. **Supremo Tribunal Federal**. Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4275 – Retificação de nome e gênero no registro civil. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/portal/jurisprudencia/listarJurisprudencia.asp?s1=ADI%204275&base=baseAcordaos>. Acesso em: 12 jul. 2025.

CUNHA, L. L. N. Para a construção de uma genealogia trans brasileira: trans num recorte histórico, ativista e jurídico. **Revista Direitos Fundamentais & Democracia**, v. 28, n. 2, p. 138-164, 2023. Disponível em: <https://revistaeletronicardfd.unibrasil.com.br/index.php/rdfd/article/download/2390/783>. Acesso em: 15 abr. 2025.

HANAUER, Otto Felipe Dias; HEMMI, Ana Paula Azevedo. Caminhos percorridos por transexuais: em busca pela transição de gênero. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 91-106, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/fLrnG5RSbCYVZdRsgzrvRhJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2024.

JANINI, Janaina Pinto; SANTOS, Rosângela da Silva. Relações sócio-familiares e a construção da personalidade da pessoa transexual. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, e677997883, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7883>. Disponível em: file:///C:/Users/Alcione/Downloads/7883-Article-111753-1-10-20200902.pdf. Acesso em: 19 mar. 2025.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a transcrição de entrevistas, 2014. Disponível em: https://transcricoes.com.br/wp-content/uploads/2014/03/texto_orientacao_transcricao_entrevista.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.

MARINHO, Silvana; DE ALMEIDA, Guilherme Silva. Trabalho contemporâneo e pessoas trans: considerações sobre a inferiorização social dos corpos trans como necessidade estrutural do capitalismo. **Sociedade e Cultura**, v. 22, n. 1, p. 114-134, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/703/70361437008/70361437008.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2025.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/>. Acesso em: 1 set. 2024.

MOREIRA, Euza Aparecida da Silva; MARCOS, Cristina Moreira. Breve percurso histórico acerca da transexualidade. **Psicologia em Revista**, v. 25, n. 2, p. 593-609, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682019000200013&script=sci_arttext. Acesso em: 1 set. 2024.

PANIZA, Maurício Donavan Rodrigues. **As travestis e mulheres transexuais no mundo do trabalho: um estudo a partir da experiência das trabalhadoras trans e de aliadas e aliados na área de consultoria e gestão da diversidade**. 2021. 203 f. Tese (Doutorado em Administração) – Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/51315a33-8411-4075-954f-32438cb92f58>. Acesso em: 30 ago. 2024.

SILVA, Bruno de Brito; SANTOS, Elder Cerqueira. Apoio social na autoestima e identidade social de pessoas trans brasileiras. **Psico**, v. 49, n. 4, p. 422-432, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/30029>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SOUSA, Junior Araujo. Travestis e transexuais no universo das pesquisas científicas. **Bagoas – Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades**, v. 10, n. 15, p. 1-26, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/9978>. Acesso em: 1 set. 2024.